

Amor no feminino

Homens e mulheres têm suas particularidades na maneira de lidar com esse sentimento tão desejado

Ciça Vallerio

Há 20 anos, a psicanalista carioca Malvine Zalcborg dedica-se com afinco ao estudo do universo feminino - especialmente a sexualidade. Em seu segundo livro, *Amor Paixão Feminina* (Editora Campus, R\$ 44,00), ela mostra como e porque as mulheres amam de forma diferente. Traz referências de Freud, Lacan, e outros estudiosos da mente humana.

“A inspiração para escrever o livro veio do consultório, ao constatar que as mulheres sofrem muito pelo e por amor”, conta a autora, que é professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). “Quero ajudá-las a se compreenderem melhor, mostrar a origem desse enorme anseio de serem amadas e, de certa forma, não acabar com esta aspiração - que é da natureza feminina -, mas atenuar seus efeitos. Homens sensíveis também vão se entender e perceber seu papel na relação amorosa, passando a levar mais em conta a necessidade feminina de amar.”

Este assunto, de certa forma, esteve presente no seu primeiro livro, que reflete outras questões ligadas à mulher e já está na 11ª

edição: A Relação Mãe e Filha (Editora Campus). No dia 11, às 19 horas, Malvine estará em São Paulo para o lançamento da sua nova publicação, na Livraria Cultura, onde haverá também um bate-papo sobre o tema. Confira sua entrevista para o Feminino.

Por que a senhora fala que o amor é uma paixão muito mais feminina do que masculina?

A maneira peculiar que cada um vive o amor não começa quando homens e mulheres se tornam adultos. É um fenômeno que se desenvolve ao longo do processo evolutivo, desde a infância. Meninos e meninas desejam ser amados, primeiramente, pelos pais. É quase como se o "não ser amado" significasse "não ser". Mas esta necessidade de ser amado, comum aos dois sexos no início da vida, manifesta-se com mais intensidade e por mais tempo na menina do que no menino. Poucos se dão conta de que a menina, de forma geral, é mais dócil, meiga e obediente, e está sempre atenta em obter aprovação, exatamente porque ela está em busca de amor. Se Freud levantou a idéia - celebrizada por Simone de Beauvoir em seu livro O Segundo Sexo - de que "a menina não nasce mulher, precisa tornar-se uma", o amor acaba revelando-se um dos mais importantes meios aos quais a mulher recorre para, com imaginação e criatividade, desenvolver sua subjetividade e sua feminilidade. Pela importância que adquire em sua vida, a mulher só pode mesmo fazer do amor uma paixão.

A senhora disse que, mais do que os homens, as mulheres amam o amor. Como explicar essa "paixão feminina?"

Por causa da questão da identidade feminina, que a mulher nunca está totalmente assegurada, há uma pergunta que não cessa de se inscrever na sua vida: "quem sou eu como mulher?" Há várias maneiras pelas quais a mulher vai procurar responder a esta pergunta que ela não esgotou na sua relação com os pais. Uma delas - e a mais dominante - é voltar-se para o homem a fim de que este lhe diga que mulher ela é. É compreensível que ser amada por um homem, ser alvo de seu amor, é uma das formas mais produtivas para a mulher procurar encontrar sua identidade. Daí as perguntas insistentes que ela costuma dirigir ao homem: "você me ama?", "por que você me ama?", "você me ama mais do

que jamais amou outra mulher?" Parece que nenhuma resposta do homem a estas perguntas, por mais segura do seu amor que possa estar, soam suficientemente satisfatórias para a mulher. "É só isto que você tem a me dizer... sobre a minha pessoa?", costuma ser, freqüentemente, a reação.

Depender do homem para confirmar sua feminilidade não seria uma prisão?

Homens e mulheres precisam uns dos outros, embora não da mesma maneira. O ponto essencial é que, embora homens e mulheres vivam suas fantasias, desejos e gozos no interior de suas vidas psíquicas de forma singular, precisam do parceiro para dar algum destino a estas dimensões que dominam sua subjetividade. E o amor é o grande propulsor do encontro entre homens e mulheres para a realização desses conteúdos psíquicos. Sem o amor, ficaria cada um na "sua". Ainda bem que as mulheres buscam mais o amor do que os homens. São elas que os "salvam" de sua tendência ao isolamento e à solidão. O que seria dos homens sem a grande necessidade de as mulheres encontrarem o amor, convocando-os para o encontro?

Como é a forma de amar do homem, com relação à mulher?

O homem não é tão dependente do amor quanto a mulher, na definição de sua identidade masculina, apesar de ter questões sobre sua virilidade. O fato é que ele não tem tanta dúvida sobre a sua identidade, e raramente se pergunta "o que é ser homem?" A sua questão mais relevante se manifesta na ordem do desejo, e não tanto na do amor. A mãe é a primeira mulher amada pelo homem. Para a evolução de seu desenvolvimento emocional, ele precisa separar internamente a figura materna da figura da mulher que vier a amar. À mulher que ama (e que se aproxima da mãe), ele destina o lugar de "santa", e à mulher que deseja, ele reserva o lugar mais rebaixado até chegar a uma radicalização, a "prostituta". Razão pela qual ele separa os dois objetos - o do amor e o do desejo. Se existe uma "outra" na vida de um homem, é mais neste sentido, de ele perseguir "a mulher ideal", que ele nunca encontrará. O que ele coloca em jogo, muitas vezes, é o desejo como impossível.

Essa maneira masculina de encarar o amor

não explicaria a facilidade com que eles saem de um relacionamento e logo entram em outro, enquanto as mulheres precisam de mais tempo para isso?

Certamente. Além de vários motivos. Um deles é porque parece sempre já ter existido esta "outra" na vida de um homem, nem que seja apenas na fantasia, no afã de encontrar a mulher ideal. Outro motivo - de forte impacto, acredito - é que o homem não investe tanto de si na relação, não espera tanto da mesma, como ocorre com a mulher. Ele reserva um espaço muito maior para as suas próprias fantasias, desejos e gozo - daí sua tendência para o isolamento, e não tanto para o relacionamento. E o lugar que vai destinar à mulher é o de uma inclusão em seu mundo interior. Sem deixar de considerar outras dimensões que igualmente regem uma relação, como os interesses comuns compartilhados na vida cotidiana.

Quando o relacionamento não vai bem, a mulher parece ser a única a tentar de tudo para resgatar o romance, o tesão, antes de pensar em separação. Por que elas investem mais na relação do que eles?

A mulher investe muito dela mesma no relacionamento que estabelece com um homem. Ela tanto procura se encontrar neste vínculo estabelecido que a ameaça de perdê-lo (mesmo que a relação não seja, em princípio, satisfatória) a deixa sem alento, senão desesperada. O medo que ela tem não é tanto o de perder a relação (nem o homem em si), mas o de perder-se a si mesma. Atrás desse receio, está a possibilidade de o homem reservar esse lugar de mulher que ela anseia encontrar para "outra" que está sempre lá, à espreita, como sombra para assustá-la com sua presença ameaçadora. "Será esta outra mulher mais desejável e digna de ser amada do que eu?"

Hoje, as mulheres também separam amor de sexo?

As mulheres adquiriram maiores direitos de forma geral, e maior liberdade para exercerem uma vida plenamente satisfatória do ponto de vista sexual. Hoje elas podem escolher, sem entraves, se mantêm relações sexuais duradouras ou passageiras. No entanto, mesmo que algumas, num determinado contexto, desejem vivenciar o sexo separadamente do amor, a tendência observada é que elas

continuam tentando realizar sua feminilidade por meio da parceria amorosa. O filme Uma Relação Pornográfica, do diretor Frédéric Fonteyne, ilustra bem esta questão. Trata-se de uma mulher que coloca um anúncio numa revista, dizendo que quer ter uma relação apenas sexual com um desconhecido, sob a condição de que nenhum dos dois mencione algum detalhe sobre sua vida pessoal. Por algum tempo, a relação funciona nesta base, mas ela é a primeira a se apaixonar, a não manter a relação nos termos propostos. Até que pede para ele: "e se fizéssemos amor de verdade?".

Quando o amor feminino pode se tornar um distúrbio?

Quando domina toda a cena psíquica da mulher. Pode não apenas representar um aprisionamento, como também ter fins trágicos quando levado a extremos, o que acontece com alguma frequência. Embora a mulher aspire ser desejada e amada por um homem, como condição de feminilidade, ela não mais o faz como no passado - quando não lhe restava outra solução para a sua limitada existência, (o amor) era a única aspiração de sua vida. Hoje em dia, outras realizações lhe são oferecidas, e a amorosa não é, definitivamente, a única ao seu dispor, apesar de continuar contando muito para a sua autodefinição e poder. Quando a mulher "enlouquece" em seu anseio de querer ser amada, a questão se torna problemática e até perigosa para ela própria e para quem é alvo de seu amor - ou melhor, de sua necessidade premente de ser amada.

Se o amor feminino é muito particular, a traição também é?

As mulheres estão traíndo mais hoje. Não que deixassem de fazê-lo no passado, mas não era da mesma forma e intensidade, e, mais uma vez, nem sempre da mesma maneira dos homens. É freqüente ouvirmos relatos de mulheres que traem para se vingar dos homens. Elas traem mais freqüentemente, contudo, para procurar junto a um outro não só uma realização sexual mais satisfatória, mas a figura de mulher enaltecida por um homem, o que, na maioria das vezes, não encontra no âmbito do casamento. Eles estão tão desligados da necessidade de suas mulheres que se surpreendem com a possibilidade de elas poderem abrir mão de tudo que eles supostamente lhes oferecem - entendendo este

“tudo” como bens materiais e posição social - para seguir um outro destino. Em suma, se na acomodação de um casamento que não se renova criativamente, o marido (claro que cabe uma parte à mulher também) não se mostrar capaz de assegurar à sua parceira a sua condição de feminilidade em jogo, ela se inclinará mais facilmente a traí-lo com um outro homem.

Houve alguma mudança na maneira de as mulheres amarem?

Permanece na mulher este anseio de realização amorosa, talvez não na mesma intensidade do passado, mas, assim mesmo, marcadamente presente. Isto porque, como a psicanálise indica, não ocorreu uma verdadeira modificação na constituição do inconsciente feminino, para o qual o amor ainda entra como um importante fator de equilíbrio e de estruturação de sua subjetividade e feminilidade.